

UM NEERLANDÊS EM SÃO PAULO.
“... Gerhart Bettinck wonende in West Indien bij St.
Vincento in een stedtgen genamt St. Paulo” (*).

JACYNTHO JOSÉ LINS BRANDÃO

No terceiro centenário do início da Bandeira de Fernão Dias, o nosso olhar se volta para todo o ciclo aurífero de nossa história. Figura duplamente importante, ligada ao Governador das Esmeraldas, histórica e genealogicamente, foi Geraldo Betting. Historicamente representou papel importante nas primeiras pesquisas minerais levadas a efeito no governo de D. Francisco de Souza, na Bahia e em São Paulo. Nessa *avant-prèmiere* do ciclo do ouro, foi figura essencial e de destaque. Genealogicamente o temos ligado por laços de parentesco a Fernão Dias, por ser Betting avô da mulher do bandeirante, D. Maria Garcia Betim.

Por isso é sempre justo que nesse tricentenário da bandeira esmeraldina, que apesar dos pesares constitui marco importante na história de nossa colonização e desenvolvimento, focalizemos com atenção a pessoa do holandês Betting e sua atuação.

* * *

*

I. — O HOMEM.

Pouco se sabe com referência à pessoa de Geraldo Betting. Quanto às suas raízes e origens. Os documentos da época referem-se simplesmente a

“hum mineiro alemão Giraldo Betink” (1),

(*) — Trecho do documento de Doesburg.

(1). — TAUNAY (Affonso de E.), *História Geral das Bandeiras Paulistas*, vol. V, cap. III, pág. 147, Typ. Ideal, São Paulo, 1924.

sem maiores especificações. Sua procedência estrangeira fez surgir várias hipóteses, como quase sempre acontece em casos semelhantes. Diogo de Vasconcellos, em sua *História Antiga das Minas Gerais*, di-lo da estirpe dos

“Condes de Bettimk, que ainda são até hoje, senhores mediatizados do Reino de Wurtemberg, oriundos da província de Gueldres, nos Países Baixos” (2).

Por sua vez Taunay, na *História Geral das Bandeiras Paulistas*, sob o título de *Reparos a Diogo de Vasconcellos*, anota:

“Não sabemos onde descobrir que este Geraldo Betting pertencia á familia dos Condes wurtemberguezes de Bemtink. Ser-lhe-ia mais fácil atribuir-lhe uma ligação altissonante com o famoso valido de Guilherme III da Inglaterra, João Guilherme Bentinck, que o *stathonder* revolucionariamente empossado em 1689 da coroa da Inglaterra, creou Conde de Portland. Affirma Diogo de Vasconcellos ter Geraldo Betim sido allemão, quando é incontestável a sua nacionalidade hollandeza, como natural da Gueldria” (3).

O autor da *História das Bandeiras Paulistas* tem razão ao taxar de inexata a afirmação do autor da *História das Minas Gerais*. Mas incorre no mesmo erro de supor sem dados concretos. Quanto a ter Diogo de Vasconcellos escrito que Geraldo Betting era alemão, como podemos observar no texto acima citado, ele não o faz, mas pelo contrário afirma-o oriundo da

“província de Gueldres, nos Países Baixos”.

Assim, apesar de toda a cerimônia, nesse ponto das origens européias do colonizador holandês, Taunay não acrescenta nada de substancial ao que Diogo já dissera. Apenas levanta uma hipótese, como a outra, carente de dados.

Temos, portanto, dos dois autores como dados concretos: a nacionalidade holandesa de Geraldo, e a sua naturalidade da Guéldria. Em Pedro Taques encontramos a especificação da sua cidade natal:

(2). — VASCONCELLOS (Diogo Luis de Almeida Pereira de), *História Antiga das Minas Gerais*, pág. 81, nota 23, ao pé da página, 1º volume, 3ª edição, Liv. Itatiaia Ltda., em convênio com o INL e o MEC, Belo Horizonte, 1974.

(3). — TAUNAY (Affonso de E.), *Op. cit.*, vol. VI, pág. 140.

“Giraldo Betim, da cidade de Drusburch, do Ducado de Gueldres” (4);

em Taunay, citando Silva Leme (cf. *Gen. Paulistana*, 7, 452), que era

“holandez, de Duysburgo, na Gueldria” (5).

Drusburch e Duysburgo são corruptelas portuguesas do nome Doesburg, da cidade holandesa localizada na Província de Gueldrie, às margens do rio Ijssel, círculo de Zutphen (6).

Outro problema constitui a correta grafia do nome do mineiro. Em diversos lugares encontramos Gibaldo, Giraldo; Bettink, Betimk, Betting, Beting, Betim. É natural que um nome estrangeiro seja aportuguesado, às vezes pelo próprio dono. No nosso caso, enquanto isso não ocorreu definitivamente, duas gerações mais tarde — transformando-se em Betim — flutuou entre as diversas grafias citadas. Encontramos, muito a propósito, em Silva Leme a nota:

“Betimk, escreveu Pedro Taques; nós escrevemos Betting (palavra que hoje está corrompida em Betim), pois assim vimos em autos antigos a assignatura de Geraldo Betting, progenitor d'esta familia” (7).

Parece-nos, à vista dos dados que hoje temos, perfeitamente coerente a anotação do genealogista.

*

II. — O DOCUMENTO DE DOESBURG.

Documento recentemente localizado no Arquivo da cidade de Doesburg, pelo Sr. J. W. van Petersen, Arquivista-chefe, vem elucidar vários pontos incertos sobre a pessoa do mineiro holandês.

O documento tem a data de 14 de dezembro de 1614, e nele lemos que, perante os vereadores Johan Stendering Henrice e Adriaen Buickenvoert, os procuradores de Gerhart Bettinck,

(4). — PAES LEME (Pedro Taques de Almeida), *Nobiliarchia Paulistana*, Título Lemes, cap. V, § 5, 3-1.

(5). — TAUNAY (Affonso de E.), *Op. cit.*, vol. VI, pág. 101.

(6). — Doesburg está localizada na confluência do rio Ijssel com o Oude Ijssel, sobre o qual tem ponte. Possui uma notável igreja dedicada a São Miguel, Câmara de comércio e fundições de ferro. É especialmente famosa por sua mostarda. Foi conquistada pelos espanhóis em 1585.

(7). — SILVA LEME (Luiz Gonzaga da), *Genealogia Paulistana*, Título Pires, vol. II, pág. 42, cap. VII, § 1º, 2-1, nota ao pé da página.

“vivo nas Índias Ocidentais, perto de São Vicente, numa pequena cidade chamada São Paulo”,

apresentaram um documento de

“procuração, dado em São Paulo, escrito em português, datado de 29 de dezembro de 1613”.

Na procuração Geraldo Betting (8) dava poderes a Johan Stenderingh Lamberss, Johan Dunsberch e Wolter Schaep, seus procuradores, para

“entregar e transportar, nas mãos de Johan van Ackeren, Udo Avinc e Frerick Besselinck e Hermen Bettinck e os seus herdeiros, toda herança paterna e materna do principal Gerrit Bettinck”.

A herança de Geraldo havia sido vendida em outubro de 1611

“por Peter van Belheem, em nome do mencionado Gerrit Bettinck, por uma certa soma de moedas nas mãos de Art Baerken e Evert van Middachten”, “depois de ter sido determinado um certo inventário”.

Assim, pela procuração, Geraldo, do Brasil, autorizava a entrega de seu capital às pessoas mencionadas, o que foi feito

“depois de ter sido lida em voz alta a procuração mencionada como feita nesta seção”.

O senhor Wolter Schaep, explicou em seguida que

“no caso de os compradores provarem que a assinatura de Gerrit Bettinck aqui mostrada seja falsa, ele lhes restituirá o dinheiro pago pela compra acima mencionada, e por meio desta dá como garantia sua casa e terreno que aqui possui” (9).

(8). — Adotamos essa grafia, segundo o testemunho de Silva Leme supra citado.

(9). — Tradução do documento (textual):

“14 de dezembro de 1614.

“Perante os vereadores Johan Stendering Henrice e Adriaen Buickenvoert compareceram os excelentíssimos senhores Johan Stendering Lamberss, Johan Dunsberch e Wolter Schaep, como procuradores de Gerhart Bettinck, vivo nas Índias Ocidentais perto de São Vicente, numa pequena cidade chamada São Paulo, em consequência de uma procuração de São Paulo, escrita em português,

Com respeito às questões acima levantadas, tal documento vem provar a naturalidade de Geraldo Betting: realmente ele é holandês, de Doesburg, na Gueldrie. O documento revela ainda que ele continuou, mesmo de São Paulo, a manter relações com seus conterrâneos — de outra maneira não se explica os seus negócios lá. Podemos notar que em 1611 ele ordenava a venda de sua parte na herança dos pais. E em 1613, data da procuração passada em São Paulo, passava a mesma herança, já vendida mas ainda não paga efetivamente, para determinadas pessoas. Essas pessoas, afirma o sr. van Petersen,

“anteriormente são chamadas “os herdeiros de Thoenis Bettinck” (10).

Existe forte possibilidade de que Hermen Bettinck seja irmão de Gerrit e, talvez, Johan van Ackeren, Udo Avinx e Frerick Besselinck fossem seus cunhados, casados com irmãs suas, já que Thoenis é o pai de Geraldo. Mas, para não incorrer no erro de fazer conjecturas sem dados, é melhor aguardarmos maiores esclarecimentos do arquivista de Doesburg.

Uma outra nota sobre o documento é a confiança que tinha o Sr. Wolter Schaep em Geraldo, dando sua casa e terreno em Doesburg como garantia do negócio, feito das tão longínquas “Índias Ocidentais”.

Parece-nos ainda perfeitamente razoável que o nome holandês Gerrit (ou Gerhart) fosse traduzido pelo próprio dono para Geraldo;

datada de 29-12-1613, apresentada nesta secção, e tem (os procuradores) o poder — em consequência da procuração acima mencionada e entregue e transportada — para entregar e transportar, através dessa, às mãos de Johan van Ackeren, Udo Avinx e Frerick Besselinck e Hermen Bettinck e os seus herdeiros, toda herança paterna e materna do principal Gerrit Bettinck, mencionado acima, depois de ter sido determinado um certo inventário que em outubro do ano de 1611 foi vendido por Peter van Belheem, em nome do mencionado Gerrit Bettinck, por uma certa soma de moedas nas mãos de Art Baerken e Evert van Middachten; depois de ter sido lida em voz alta a procuração mencionada como feita nesta secção deram os procuradores acima mencionados toda herança paterna e materna de Gerrit Bettinck, acima mencionado, em favor de Johan van Ackeren, Udo Avinx, Frerick Besselinck e Hermen Bettinck e seus herdeiros, a palavra, mão e pena, como acontece num tribunal”.

“Em seguida, Wolter Schaep explicou diante dos vereadores acima mencionados que, em caso dos compradores acima mencionados poderem provar que a assinatura de Gerrit Bettinck aqui mostrada seja falsificada, ele lhes restituirá as moedas pagas pela compra acima mencionada, e por meio desta dá, como garantia, sua casa e terreno que possui aqui”.

(A tradução do documento, que ofereceu graves dificuldades, devido à linguagem jurídica e arcaica, devemos aos *fratri* do Colégio Padre Eustáquio de Belo Horizonte, especialmente ao *Frater* Nicácio).

(10). — Carta do Sr. van Petersen, de 7 de setembro de 1973, de meu arquivo particular.

e que o sobrenome Bettinck, se modificasse em Betting (11). Pelo que adotamos essa grafia no presente trabalho, como Silva Leme diz ter lido na assinatura de Geraldo.

*

III. — O TRONCO.

Sob o ponto de vista genealógico, Geraldo Betting tem a importância de ser o tronco de uma das mais ilustres famílias paulistas: os Betim.

Sabemos, segundo informações do sr. van Petersen, que Geraldo era filho de Thoenis (ou Thonis) Bettinck, falecido em Doesburg a 29 de junho de 1584, e de Merrie (12). Temos razão para cre-lo natural da mesma cidade.

Vindo da Bahia com o Governador D. Francisco de Souza (como trataremos adiante), transferiu-se para São Paulo, onde fixou residência e se casou com Custódia Dias.

Era Custódia filha de Manoel Fernandes Ramos,

“natural de Moura, que em 1564 encontramos como escrivão da Câmara de Piratininga, tendo uma fazenda dos lados de Ibirapuera. De 1575 a 1589 exerceu mais os cargos de juiz ordinário, almotacel, ouvidor eclesiástico e vereador. Tomou parte nos primeiros encontros com o gentio hostil, tendo seguido na bandeira de Jerônimo Leitão, a Paranaguá, em 1585. Faleceu nos últimos meses de 1589, tendo tido de seu casamento 17 filhos, dos quais por sua morte ficaram 15 vivos” (13).

Por sua mãe, Susana Dias, era Custódia neta de Lopo Dias e de sua mulher Beatriz Ramalho (ou Dias). Beatriz era filha de João Ramalho e da índia Bartira, batizada com o nome de Isabel Dias, filha do cacique Tibiriçá (14).

(11). — Para os hábitos linguísticos portugueses é mais cômoda a pronúncia BETTING (consoante final sonora) que BETTINCK (consoante surda). Lembramos que ambos os fonemas são oclusivos velares, distinguindo-se apenas por ser o /k/ surdo e o /g/ sonoro. A adaptação do nome completamente à nossa língua se deu com a apócope da consoante final, ficando por isso reduzido a BETIM. A forma BETTING representa um estágio dessa evolução.

(12). — Carta do sr. J. W. van Petersen de 6-03-74, de meu arquivo particular.

(13). — FRANCO (Francisco de Assis Carvalho), *Título dos “Fernandes Povoadores”*, in REVISTA GENEALÓGICA LATINA, 1951, vol. III, pág. 77.

(14). — Cf. SILVA LEME, *Op. cit.*

O casamento de Geraldo Betting realizou-se como vemos, nos mais tradicionais troncos paulistas, pois reunia a dita “nobreza da terra” com a lusa (15).

A sua descendência ainda está por ser estudada mais detalhadamente. Pedro Taques apenas se refere, como sua filha, a D. Maria Betting, ou Betim (16), ao tratar de D. Maria Garcia Betim, em título Lemes, e de D. Maria Leme de Oliveira, em título Chassins. Deixa o genealogista, no primeiro caso, uma nota que envia o leitor para o “título Betimk, cap. 1^o”. Mas tal título não se encontra em sua *Nobiliarquia*. Somos levados a crer que pretendia compor um trabalho sobre a família, o que infelizmente não pode fazer.

D. Maria Betim, afirma Pedro Taques,

“falleceu em São Paulo na idade de 115 anos”.

Foi casada com Garcia Rodrigues Velho, falecido em São Paulo a 13 de abril de 1671,

“prestigioso cidadão de São Paulo, potentado em arcos, com os quais tomou o partido dos Pires contra os Camargos” (17).

Era filho de outro do mesmo nome (Garcia Rodrigues Velho) e de Catharina Dias, filha esta de Domingos Dias e Antônia Chaves. Por seu pai era neto de Domingos Gonçalves da Maia e de Messia Rodrigues, filha esta de Garcia Rodrigues e de sua mulher Isabel Velho,

“naturais do Porto, que vieram a São Vicente trazendo em sua companhia filhos e filhas; entre os filhos veio o padre Garcia Rodrigues Velho que por sua importância e prestígio conseguiu para suas irmãs casamentos com pessoas da primeira nobreza em São Paulo” (18).

(15). — “Tibiriçá, chefe da aldeia de Inhapuambuçú, comandava as tribos de Piratininga. Foi o “grande defensor do tronco de que se desgalharam os bandeirantes”, o “Patriarca da raça Bandeirante”. “A índia sua filha Burtira (Mbicy) foi quem amamentou a prole dos Camachos que se entroncara com a dos Pompeus e do fidalgo Cavalheiro Jorge Ferreira, a de Lopo Dias, cuja descendência se entrelaçara à dos Garcias Velhos, à dos Macedos, que esbraceja pelas estirpes dos Torres, Escudeiros, Alvarengas, Godoys e Abreus”. — VIDIGAL (Pedro Maciel), *Amador Bueno, o Aclamado, na Família Lagoana*, pág. 63, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1945.

(16). — Cf. Também SILVA LEME, *Op. cit.*

(17). — SILVA LEME, *Op. cit.*, vol. 7, pág. 451.

(18). — *Ibid.*, pág. 396.

D. Maria Betim e Garcia Rodrigues Velho foram pais de Miguel Rodrigues Velho, Maria Garcia Betim (mulher do bandeirante Fernão Dias), Jorge Rodrigues Velho, Antônio Rodrigues Velho, Anna Maria Rodrigues Garcia, Coronel Garcia Rodrigues Velho, Custódia Dias e José Rodrigues Betim (19).

*

IV. — O COLONIZADOR.

A vinda de Geraldo Betting para o Brasil como mineiro, isto é, como agente da colonização, é o que trataremos nessa última parte. Diogo de Vasconcellos escreveu que

“os progenitores de D. Maria Betim vieram para o Brasil com a Invasão Holandesa; e Gibaldo Betink passou-se para São Paulo onde se casou...” (20).

Nos seus *Reparos a Diogo de Vasconcellos*, Taunay, aí com verdadeira razão (se bem que não cabe ao historiador uma atitude tão passional), anota:

“E a este propósito incide em grave cincada, ao afirmar que o avô de Maria, Geraldo Betting, veio para o Brasil com a invasão holandesa, quando é indiscutível que foi dos principaes companheiros de Dom Francisco de Souza” (21).

É realmente certo que veio para o Brasil em companhia do sétimo governador geral, que

“o trouxe do reino com o fito de mandar construir engenhos de ferro na capitania” (22).

Não era coisa rara na época a existência de estrangeiros em Lisboa. Por isso somos de parecer, com base na afirmativa acima, que Geraldo teria passado primeiramente a Portugal, com ou sem intenção de vir à capitania, sendo daí trazido

(19). — Cf. SILVA LEME, *Op. cit.*, vol. 7, pág. 452 ss.

(20). — VASCONCELLOS (Diogo de), *Op. cit.*, p. 57.

(21). — TAUNAY (A. E.), *Op. cit.*, vol. VI, pág. 140.

(22). — FRANCO (Francisco de Assis Carvalho), *Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil*, secs. XVI, XVII, XVIII, verbete Beting, Geraldo.

“por D. Francisco de Souza, em companhia de Jacques Oalte” (23).

Oalte era mineiro e Betting engenheiro prático de metais (24). Eram os auxiliares indispensáveis para os planos que o governador tinha em mente: as pesquisas minerais (25).

A data de sua vinda devemos fixa-la, portanto, posterior a 1591, ano do início do governo de D. Francisco. Passou primeiramente à Bahia (com o governador), onde esteve até o ano de 1600. Nessa época desceu para São Paulo na comitiva de D. Francisco.

“Trouxera o governador, grandioso como sabia ser, “hua companhia de soldados e infantes do prezidio da Bahia, e como capitão della Diogo Lopes de Castro e seus officiaes”. Também o acompanhava o cirurgião José Serrão, médico... Dois especialistas indispensáveis para a empresa angariara, “hum mineiro alemão Jaques de Oalte e hum engenheiro tão bem alemão Giraldo Betink, vencendo cada um de ordenado 200\$ por anno” (26).

D. Francisco entregou-se às pesquisas de metais na região. Até julho de 1601 a comitiva governamental desceu à costa por três vezes (27), indo aos rios

“Araçoiba, Jaraguá, Ibituruna e outros” (28). “Acompanhou Geraldo Beting esse fidalgo português em todas as entradas que fez em São Paulo” (29),

o que bem demonstra a importância que tinha nos trabalhos do governador.

Em 1602 terminou o mandato de D. Francisco, mas Geraldo, já fixado na terra paulista, nela continuou seu trabalho. É o que prova a declaração de Balthazar Gonçalves ao capitão-mor loco-tenente Gaspar Conqueiro, feita em fins de 1611, na qual, defendendo-se das acusações de que iria proximamente ao sertão à caça de índios, afirmava pretender

(23). — TAUNAY (A. E.), *Op. cit.*, vol. VI, pág. 101. (Lembramos que nessa época Portugal e suas colônias, bem como os Países-Baixos, eram domínios da Espanha).

(24). — Cf. TAUNAY, *Op. cit.*

(25). — *Ibidem.*

(26). — TAUNAY, *Op. cit.*, cap. III, vol. V, pág. 147.

(27). — Cf. TAUNAY, *Ibidem.*

(28). — FRANCO (F. A. Carvalho), *Op. cit.*

(29). — *Ibidem.*

“ir apenas às minas de Caativa, com o mineiro alemão Oalte ou Bettimk, por ordem do provedor Quadros” (30).

Em 1611 ainda, como lemos no documento de Doesburg, ordenava desde São Paulo a venda de sua parte na herança dos pais. E em 1613, a sua transmissão para as citadas pessoas.

Parece certo que ele fixara desde 1600 sua residência em São Paulo, ainda que saísse frequentemente nas diversas incursões pesquisadoras. Contra a afirmativa de Carvalho Franco de que teria passado a

“São Paulo em 1609 e não em 1598, como muitos escrevem” (31),

temos sua própria anotação de que fora o Governador D. Francisco de Souza que o trouxera do reino (32). Ora, o governo de D. Francisco estendeu-se de 1591 a 1602, sendo inexata, portanto, a primeira afirmativa. Além do mais, as citações de documentos da época, feitas por Taunay, provam bem a presença de Betting em São Paulo no ano de 1600.

Não encontramos referências à sua morte, que pensamos tenha ocorrido também em São Paulo ou nas redondezas.

BIBLIOGRAFIA.

1. — DOCUMENTO DE DOESBURG, “den 14 decembris 1614”, Rep. Oductie Rijksarchief in Gelderland Arnhem, Archiet R. A. G. Rechbar. Doesburg, Inv. nr. 1510.
2. — ENCICLOPÉDIA E DICIONÁRIO INTERNACIONAL, W. M. Jackson Editores, Rio de Janeiro.
3. — ENCICLOPÉDIA UNIVERSAL ILUSTRADA EUROPEO-AMERICANA, Espasa-Calpe S. A., Bilbao, 1928.
4. — FRANCO (FRANCISCO DE ASSIS CARVALHO), *Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil, secs. XVI, XVII, XVIII*.
5. — FRANCO (FRANCISCO DE ASSIS CARVALHO), *Título dos “Fernandes Povoadores”*, in REVISTA GENEALÓGICA LATINA, vol. III, São Paulo, 1951.
6. — PAES LEME (PEDRO TAQUES DE ALMEIDA), *Nobiliarchia Paulistana Histórica e Genealógica*, 2a. ed., Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1926.

(30). — TAUNAY (A. E.), *Op. cit.*, vol. I, cap. XI, pág. 263.

(31). — FRANCO (F. A. Carvalho), *Op. cit.*

(32). — Cf. FRANCO (F. A. Carvalho), *Op. cit.*

7. — SILVA LEME (LUIZ GONZAGA DA), *Genealogia Paulistana*, Duprat & Comp., São Paulo, 1903.
8. — TAUNAY (AFFONSO DE E.), *História Geral das Bandeiras Paulistas*, Typografia Ideal, São Paulo, 1924.
9. — VASCONCELLOS (DIOGO LUIS DE ALMEIDA PEREIRA DE), *História Antiga das Minas Gerais*, 3a. edição, Liv. Itatiaia Ltda em convênio com o Instituto Nacional do Livro e o Ministério da Educação e Cultura, Belo Horizonte, 1974.
10. — VIDIGAL (PEDRO MACIEL), *Amador Bueno, o Aclamado, na família Lagoana*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1945.